

Ilustração do manuscrito *Prato Haggadah* (Espanha, 1300).
Obra em domínio público. Composição visual remixada.

RESENHAS

COMO DAR NOME AO HOLOCAUSTO, ENTRE MUDEZ, *SILÊNCIO* E GRITO?

HOW TO NAME THE HOLOCAUST, BETWEEN, MUTENESS, SILENCE AND OUTCRY?

CÓMO NOMBRAR EL HOLOCAUSTO, ENTRE EL MUTISMO, EL SILENCIO Y EL GRITO?

Dirk Michael Hennrich Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Submetido em: 06/02/2026
Aceito em: 07/02/2026
Publicado em: 06/04/2026

Como citar: HENNRICH, Dirk Michael. Como dar nome ao Holocausto, entre mudez, silêncio e grito?. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. e64287, jan./jun. 2026.

DOI: 10.53981/destrocos.v7i1.64287

Licenciado sob a CC BY 4.0.

Resumo
O presente ensaio foi proferido durante a conferência *O que foi o Holocausto? Uma abordagem transdisciplinar?* no painel *O Holocausto visto pelos Alemães* em Lisboa em janeiro 2016 e significativamente reelaborado depois da leitura do ensaio *Mudar de nome: hitlerismos, disseminações e a Schuldfrage judaica* de Shajara Néehilan Bensusan publicado no Vol. 1., N 1. (2026) da revista (Des)troços. Não se trata de uma crítica, mas de um comentário, no sentido de que o tema em questão, o Holocausto, atinge a nossa atualidade em diferentes níveis ontológicos e existenciais, perpetuado conscientemente e inconscientemente contra uma multiplicidade de seres e fenômenos. Até seria possível dizer que o Holocausto é uma das expressões centrais do nosso tempo, o Antropoceno.

Palavras-chave
Fascismo; cinzas; responsabilidade; mito; grito.

Abstract
This essay was delivered during the conference *'What was the Holocaust? A transdisciplinary approach?'* on the panel *The Holocaust as seen by Germans* in Lisbon in January 2016 and was significantly reworked after reading the essay *Changing the name: hiltlerisms, disseminations, and the jewish Schuldfrage* by Shajara Néehilan Bensusan, published in Vol. 1, No. 1 (2026) of the journal (Des)troços. This is not a criticism, but rather a comment, in the sense that the subject in question, the Holocaust, affects our present day on different ontological and existential levels, consciously and unconsciously perpetuated against a multiplicity of beings and phenomena. It could even be said that the Holocaust is one of the central expressions of our time, the Anthropocene.

Keywords
Fascism; ashes; responsibility; myth; cry.

Resumen
El presente ensayo fue presentado durante la conferencia ¿«Qué fue el Holocausto? Un enfoque transdisciplinario?» en el panel «El Holocausto visto por los alemanes» en Lisboa, en enero de 2016 y reelaborado significativamente tras la lectura del ensayo *Cambiar el nombre: hitlerismos, disseminações y la Schuldfrage judia*, de Shajara Néehilan Bensusan, publicado en el vol. 1, n.º 1 (2026) de la revista (Des)troços. No se trata de una crítica, sino de un comentario, en el sentido de que el tema en cuestión, el Holocausto, afecta a nuestra actualidad en diferentes niveles ontológicos y existenciales, perpetuado consciente e inconscientemente contra una multiplicidad de seres y fenómenos. Incluso se podría decir que el Holocausto es una de las expresiones centrales de nuestra época, el Antropoceno.

Palabras clave
Fascismo; cenizas; responsabilidad; mito; grito.

Dirk Michael Hennrich é filósofo e co-fundador da série internacional Antropocênica. A sua produção científica concentra-se principalmente no âmbito da Filosofia da Paisagem, da Filosofia Animal e dos Estudos do Antropoceno. Ultimas publicações no Journal Topoi da Springer Nature (nov. 2025) e na Revista PIXO v.8 n.29 (2024).

Contribuição (CRediT):
D.M.H.: Conceituação; Investigação; Metodologia; Escrita (original)

Querida Mãe, sobre a palavra me surpreendo. A minha germanidade seria exatamente aquilo que é, se não existisse mais nenhum Império Alemão. A língua é mesmo mais do que sangue.[1]
Franz Rosenzweig

A dificuldade de iniciar qualquer fala sobre a questão aqui colocada, reside não apenas na problemática do tema central, o *Holocausto,* mas também na dificuldade de definir aquilo que é, aqui e em geral, indispensavelmente incluído sob a designação "*Os Alemães*". Decerto, é necessário constatar, que esta designação se torna hoje ainda mais difícil do que na época do nazismo, mas o que na verdade agrava tudo muito mais é o fato de que a própria tentativa de designar uma certa população estatal com algum significado nacional e/ou racial, é justamente um dos elementos fundamentais e mais sombrios do próprio *Holocausto* e da história não só do *Fascismo* e *Nacionalismo Alemão*, mas de todos os possíveis fascismos e nacionalismos do passado, do presente e do futuro. Sem dúvida haverá, enquanto houver ainda consciência histórica, uma perpétua ligação e associação entre "*Os Alemães*" e *O Holocausto* e assim designadamente com "*Os Judeus*", mesmo sem poder saber exatamente, o que são e quem eram aqueles que estarão relacionados, no futuro, e no âmbito da memória coletiva da humanidade, com um acontecimento que excede todo o imaginário, mas que não é, ao mesmo tempo, privado, e não é um acontecimento apenas do passado. O Holocausto é, como a própria palavra grega ***ὁλόκαυστος*** (*holókaustos*) sugere um sacrifício perante os deuses, em que o sacrificado, sempre na sua compreensão mais ampla do sentido, e sempre para além de qualquer definição específica e especista, é completamente queimado, transformado em cinzas, com o intuito de apagar a sua presença, de negar a sua existência histórica e futura, e, justamente assim, eternizá-lo, presenciá-lo, visibilizá-lo para sempre.

Mesmo durante o nacional-socialismo não existia na população alemã uma consciência 'preestabelecida', clara e determinada sobre aquilo que seria o germânico [*das Deutsche*] ou o judaico [*das Jüdische*] em si, mas o discurso, a propaganda e as circunstancias cotidianas criaram um clima irracional, pseudo-religioso e/ou mítico que se sustentava, em grande medida, no antissemitismo já presente desde séculos, para construir um inimigo interno, sem o qual o nazismo não teria conseguido concentrar e manipular uma grande parte da população. As leis de Nuremberg de 1935, principalmente a *Lei para a proteção do sangue alemão e da honra alemã*, desencadearam, neste contexto, um dos primeiros passos da exclusão e extinção do, assim chamado, 'sangue semita', através de decretos oficialmente estabelecidos e institucionalizados. Esta contínua intoxicação [*Vergiftung*], ou mais precisamente contaminação [*Kontamination*], da língua alemã com uma certa visão do mundo [*Weltanschauung*]; a distorção e instrumentalização da língua alemã em comícios, emissões radiofônicas, livros, artigos, nas organizações para a juventude e para as mulheres e no próprio militar; o contínuo preenchimento da população com a cacofonia ideológica do nazismo, muito bem documentada na obra de Victor Klemperer no seu livro *LTI – A linguagem do terceiro*

[1] Rosenzweig, *Der Mensch und sein Werk*, p. 1230.

reich de 1947, criou uma atmosfera em que a perseguição, a deportação e, provavelmente mais subconscientemente do que conscientemente, a extinção, eram consideradas como uma consequência e um processo inevitável, como uma parte 'necessária' de 'defesa' nacional.

A crença de uma grande parte da população com nacionalidade alemã nas promessas do partido nazista, a força demagógica da sua ideologia, as primeiras conquistas econômicas, o oportunismo e a possibilidade de ganhar bens ou substituir cargos através da expropriação e deportação dos judeus e muitos outros aspetos, entre eles também, e muito importante, a atuação da polícia secreta do estado, a *Gestapo*, e dos seus ajudantes civis, os denunciantes, possibilitaram uma paisagem política e social sem precedentes. As promessas [*Versprechen*] se transformaram em crimes [*Verbrechen*], foram *lapsus linguae* [*Versprecher*] voluntários no ato de prometer algo [*etwas versprechen*]. Era o crime por via da promessa [*das Verbrechen durch das Versprechen*]. Era o voluntário ato de cometer um ato falho [*sich versprechen*] que causará justamente duas responsabilidades fundamentais: de se desculpar pela promessa [*sich für das Versprechen entschuldigen*]; e, consequentemente, de se desculpar pelo crime [*sich für das Verbrechen entschuldigen*], que é a autêntica resposta à questão da culpa [*Schuldfrage*] e da responsabilidade, mas que não se resume e nem se pode resumir, isto é, resolver numa simples des-culpa [*Ent-schuldigung*]. Enquanto houver uma língua alemã, a culpa ressoará nela e será transmissível para todas as outras línguas devido a sua tradutibilidade, sem poder retirar jamais a culpa com um mero pretexto.

Por isto seria mais oportuno ampliar o ponto de vista sobre o *Holocausto* para todos aqueles que falam alemão ou, mais decisivamente, a língua alemã, isto é, aquele meio de comunicação que deve ser considerado como um dos instrumentos principais da perseguição e da tentativa de extinção, da solução final [*Endlösung*], sob uma construção fictícia e diabólica (compreendendo diabólico como o princípio que cinde) de uma "*raça judaica*" em pleno contraste com uma "*raça ariana*", uma "*raça germânica*". Isto significa, ao mesmo tempo, que todos aqueles que aprendem e articulam a língua alemã hoje e no futuro, no mundo inteiro, se tornam imediatamente alemães, são alemães, porque respondem a um idioma específico, instrumento não apenas de Goethe, de Nietzsche, de Marx, de Wagner, de Rilke, de Adorno, de Habermas, de Celan, mas também de Hitler, de Himmler, de Göring, de Goebbels e de todos os outros que possibilitaram e viabilizaram o *Holocausto*. Esta resposta a um idioma específico, que atinge todos – e também a mim próprio, no momento enquanto falo ou escrevo em alemão ou em português – exige uma certa identificação e, mais ainda, uma responsabilidade crucial perante a história do idioma, perante o conteúdo implícito e explícito da linguagem compreendida como um organismo vivo e autônomo; compreendida como um corpo carregado de significados, um corpo sofrido e em chamas, um corpo cheio de feridas inesperadas. Cada língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas decisivamente um organismo, um parasita, que se alimenta do seu hospedeiro, que o domina e, afinal, sobrevive. Falar uma certa língua não dispensa o falante da história dela, não dispensa de uma certa e bem determinada responsabilidade, seja esta língua a sua língua materna ou não. Eu, escrevendo em português, como toda a minha incerteza e incapacidade linguística, me transformo em um sujeito e um agente tardio da história colonial dos portugueses, me transformo em um membro

da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) ou do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), me transformo no opressor e naquele herdeiro da língua portuguesa que organizou durante séculos o tráfico de escravos ou que assassinava os habitantes nativos nos territórios invadidos e anexados. Estamos sempre reféns das línguas, mas através da possibilidade de transitar *entre* as línguas, conseguimos a liberdade de escolher e de sair de determinadas posições.

A dificuldade de responder à questão sobre *Holocausto* e *"Os Alemães"* reside, em segundo plano, também na questão do tempo ou da geração que teria ou deveria ter algo a dizer e que hoje se refere a três ou quatro gerações com diferentes pontos de vista, com diferentes posições a partir de que poderíamos ou deveríamos falar sobre o *Holocausto*. Embora a questão da vista e do ângulo implica, simultaneamente, a possibilidade de que o *Holocausto* poderia ter sido e poderia ser uma *Ansichtssache*, um objeto de ponto de vista, um aspecto de um certo olhar ou, e ainda menos oportuno, um objeto de uma certa *Weltanschauung*, de uma certa visão do mundo, seguindo assim, voluntaria ou involuntariamente, mais uma vez um mecanismo que conduziu diretamente à deportação e extinção, porque o *Holocausto*, em si, era nada menos do que o produto de uma *Weltanschauung* de um lado, e, de outro lado, o desdobramento sombrio de uma racionalidade tecnológica, de uma ontologia dicotômica, de um relação reificante e assim da vontade de *cindir*, de *criticar* e de *manipular*, que domina uma grande parte da cultura ocidental até os nossos dias. Essa atitude, de se posicionar num certo ponto de vista, mesmo se for um ponto de vista aparentemente íntegro, é sem dúvida possível e ocorre ainda em vários circunstâncias e é praticada por vários grupos de interesse, mas é, e não apenas eticamente, mais uma objetivação cruel daqueles que foram e ainda são os objetos da perseguição e da extinção em muitos lugares do nosso mundo globalizado, através das mais diversas mercadorias, mas, em primeiro lugar, através da *violência* e da *opressão*, provavelmente as mercadorias mais distribuídas e mais 'desejadas' ainda, do que qualquer outra mercadoria existente. Quem fala sobre o *Holocausto* deve se questionar assim, sempre em primeiro lugar, se o seu discurso é apenas mais um agravamento daquela racionalidade objetivante, daquela reificação, daquela *Verdinglichung* que possibilitou o extermínio mecânico e a contabilização de cadáveres, a fabricação de cinza em primeiro plano, e depois um pesadelo, cujo signo é mais uma vez numérico. Neste sentido não é apenas aconselhável de evitar o discurso numérico sobre o *Holocausto*, mas também questionar sempre a razão com que nos referimos ao *Holocausto* e o que encobre este discurso na tentativa de compreender algo que se fecha imediatamente de qualquer compreensão, que é, para dizer em termos alemães *unbegreiflich*, incompreensível, e que não pode ser compreendido, [*kann nicht begriffen werden*] sem usar conceitos [*Begriffe*], sem objetivar aquilo que já foi alvo de uma objetivação radical e eliminatória. Quem conhece o pensamento de Theodor W. Adorno saberá que este impasse, este paradoxo, esta impossibilidade de falar sobre o *Holocausto*, sem o perigo de identificar e objetivar o mesmo, conduzi-lo à sua noção do *não-idêntico*, à sua convicção sobre a impossibilidade de cultura e de poesia depois de Auschwitz. Aquilo que ocorreu e que se desvia de qualquer compreensão, que foge de qualquer conceitualização [*Verbegrifflichung*], ocorreu no âmago da cultura alemã, num lugar, em que um dos maiores campos de concentração no território da Alemanha, *Buchenwald*, se situava ao lado de Weimar,

da cidade de Goethe e Schiller. Este é justamente o dualismo mais perturbador de toda a história em si, mas especificamente aqui, no contexto da tentativa de extinção da "*raça judaica*" no coração da língua alemã, onde o *Denker*, o pensador, e o *Dichter*, o poeta, é o vizinho íntimo e o espelho revelador, do *Henker* (o carrasco) e o *Vernichter* (o destruidor).

Todavia, para poder exemplificar a questão dos alemães e do *Holocausto* visto pelos alemães, é possível e decerto inevitável se aproximar desta situação a partir de três gerações que, por razões justas, só podem ser representadas por indivíduos próximos e familiares, sem poder asseverar que os mais próximos são os mais inteligíveis, mais conhecidos, mas próximos do que os mais distantes e desconhecidos. É obvio hoje poder afirmar, depois de muitos estudos e pesquisas sobre a questão da *Schuldfrage*, que nem ontem, nem hoje, nenhum alemão poderia justificar sem covardia que não sabia nada do *Holocausto* e não sabe nada sobre o *Holocausto*, que tudo isto aconteceu despercebido, que tudo isso já não era inteligível deste o início da perseguição historicamente marcada pela *Kristallnacht*, o *pogrom* contra os judeus na noite do dia 9 e 10 de novembro 1938.

Neste ano de 1938, no mês de Fevereiro, o meu avô materno, nascido em 1917 na Alemanha e emigrado em 1924 com os seus pais para Rio de Janeiro, entrou com 21 anos de idade, pela segunda vez na sua vida, e pela primeira vez consciente e responsável, no território alemão, iniciando um estudo de engenharia na Universidade Técnica de Berlim, financiado por uma das bolsas de estudo concedidas para os jovens alemães que viveram no exterior, filhos de emigrantes já radicados em outros países no mundo inteiro. Esse retorno temporário, justamente um ano antes do início da guerra, fazia provavelmente parte do apelo *Heim ins Reich!* (*Regresso ao Império!*) iniciado pelo regime nazista, e mais explicitamente em relação aos países vizinhos da Alemanha, em 1938. Com o início da guerra, o meu avô foi chamado para combater e ele participou em todas as grandes ofensivas das tropas alemães, na Polônia em 1939, na França em 1940 e na União Soviética 1941, combatendo 1944 perto de então Leningrado e preso durante uma troca de prisioneiros entre Finlândia e a União Soviética em 1947 para depois ser transferido para um campo de prisioneiros chamado Borowitschi, onde permaneceu entre 1947 e 1948. Devido a esta longa participação na guerra sem ter sofrido qualquer ferimento grave, é impossível que ele não tivesse conhecimento da deportação e dos campos de concentração durante a sua atividade militar. Embora nunca, pelo menos para mim, ele se pronunciou sobre o *Holocausto* ou sobre qualquer outra crueldade da guerra. A única coisa que sempre ressaltou, até numa autobiografia bem curta, escrita no fim dos anos 80, era a camaradagem, a aventura e a sorte de ter sido considerado um alemão brasileiro durante a sua prisão perto de Leningrado. Depois do seu regresso para a Alemanha em 1948, ele embarcou logo com a sua família alemã de volta para o Rio de Janeiro, sem nunca mais pisar em solo alemão outra vez na sua vida, que findou em 2005 na cidade de Manaus, no Estado do Amazonas.

A minha mãe, nascida em 1942, emigrou junto com o meu avô em 1948 para Brasil, frequentou a escola no Rio de Janeiro e vivia com a minha bisavó numa casa antiga, que também era uma pensão, na Rua Francisco Sá nº 12, em Copacabana, até 1952, quando voltou com a sua irmã e a sua mãe, mas sem o pai (o meu avô) para Alemanha. Igual o meu pai, nascido também em plena guerra 1944 em Česká Kamenice na República Checa, ela não teve a oportunidade de ingressar para a

Universidade, começando bem cedo a trabalhar e sem se ocupar muito com o passado, e ainda menos com o passado que não lhe pertencia, consciente e pessoalmente, da época da guerra e da política da Alemanha do Terceiro Reich. Nunca houve por parte dos meus pais uma pronúncia mais detalhada sobre o *Holocausto*, nenhuma necessidade de discursar sobre este acontecimento, embora sim, houvesse um conhecimento opaco e uma posição espontânea, como se tudo isso tivesse acontecido em outro país, em outro mundo, aliás, e sem nenhuma ligação com uma certa história ou até inseparavelmente entrelaçado com a língua alemã.

À terceira geração, enfim, pertenço eu mesmo, nascido em 1973 e crescido a partir dos 8 até os 19 anos num internato, uma escola progressiva situada numa floresta perto de Heidelberg, com fortes influências da esquerda, do pacifismo, do movimento ecológico e antinuclear e, neste contexto, nas aulas de História, com uma intensa atenção sobre o *Holocausto*, a *Guerra*, o *Fascismo* e a Alemanha entre 1933 e 1945.

Na tentativa de descrever então os três diferentes distanciamentos e/ou as três diferentes aproximações perante o *Holocausto*, e em continuidade com a importância da língua na construção de uma identidade nacional e, ao mesmo tempo, de estereótipos raciais, é preciso constatar que existe, no perpasso das gerações acima mencionadas, um certo desdobramento da *mudez* [*Schweigen/Stummheit*] do meu avô, para o *silêncio* [*Stille*] dos meus pais até a minha própria *fala* [*Rede*] e enfim o *grito* [*Schrei*], perante todos os possíveis *Holocaustos*. O grito das vítimas do *Holocausto* trespassa a *mudez*, o *silêncio* e a *fala* e está presente na sua ausência, como também na tentativa, muitas vezes falhada, de dar voz a algo que nem as vítimas poderiam expressar. A dificuldade de falar sobre esses acontecimentos deve ser considerada como um dos principais agravamentos para expressar o *Holocausto*, deixando pelo menos duas gerações em suspenso, mesmo havendo muitas tentativas e muitas formas de pronunciar uma certa compreensão, um entendimento ou, antes de mais nada, um *grito* próprio daquilo que ocorreu. Mas, em geral, todas as tentativas, todas as vozes se esvaziam perante o *Holocausto*, todas as vozes não atingem o *grito* que será preciso ouvir; todas as vozes são fracas enquanto pretendem exprimir o *grito* dos outros, pois somente o nosso próprio *grito* pode fazer-nos ouvir o que será preciso ouvir. Mesmo sabendo da dor do outro, aceitando-a como a nossa, perante aquilo que está em aberto, não sabemos o que conta e não sabemos o que contar. Não sabemos nada, enquanto não somos ainda capazes de *gritar*. Mas temos a memória coletiva dos acontecimentos do passado e um imperativo que nos sobressalta. Um imperativo de não repetir os mesmos erros do passado. Um imperativo que é, na verdade, o imperativo da história em si. A história não quer ser repetida e não pode ser repetida, não apenas no sentido exato, como cópia, o que nem sequer é possível, mas como o mesmo, o mesmo acerca do mesmo, que é a característica do mito e não da história. Se e quando repetimos a história com o mesmo gesto já inscrito no passado, produzimos o mito e produzimos aquilo que Horkheimer e Adorno descreveram com a *Dialética do Esclarecimento*.

A *mudez* do meu avô poderia ter havido várias razões, excluindo aquela de ter agido direta e ativamente na deportação e extinção dos judeus, sendo comprovado no processo da desnazificação [*Entnazifizierung*] que não pertencia ao

partido nazista e nem a uma das suas organizações. Ele era um dos muitos soldados das forças armadas alemãs, embora seja bem provável que viu algumas ações contra civis ou até contra judeus, mas o que deve ter sido mais grave para ele era ver os combatentes morrerem, e de matar os adversários em combate, e ver e perceber a destruição da guerra e de ser preso num campo de prisioneiros na União Soviética, sempre com a expectativa de nunca mais poder voltar para o Brasil. A sua *mudez* era provavelmente essa *mudez* que a muitos soldados, depois de qualquer conflito bélico, infecta: a impossibilidade de digerir os acontecimentos e a incapacidade de perceber a própria responsabilidade. Mas ele era, mesmo sem poder ou querer entender, completamente *responsável* pelo o que aconteceu e este saber de não ter feito nada contra, e assim tudo a favor da guerra, provavelmente também era uma das razões da sua *mudez*.

O *silêncio* dos meus pais deve ser compreendido de modo muito diferente, vendo-os de certo modo como filhos de uma guerra que não era a guerra deles. Eles, como todas as outras crianças da guerra, eram confrontados diretamente com algo que foi gravado na própria memória, mas que já não fazia parte da própria vida. Confrontados com o passado, estavam conscientes do passado, mas sem um sentimento de *responsabilidade*. Eles pertencem mais ou menos à mesma geração que pronunciou a ideia da *Graça do nascimento tardio* [*Die Gnade der späten Geburt*], uma expressão popularizada pelo antigo chanceler Helmut Kohl e sustentada também, por exemplo, perante a Knesset em Tel'Aviv em 24 de Janeiro 1984, e que é, de certo modo, uma ideia em que o *tempo* parece novamente divinizado e personalizado, sendo o tempo considerado como uma autoridade que pode libertar os homens das suas responsabilidades, enquanto sabemos, pelo menos desde a época da luzes, que ninguém pode libertar o homem da sua responsabilidade, porque a responsabilidade, a capacidade e tentativa de responder, é o autêntico fundamento da sua liberdade e da sua autonomia. De um lado, o *silêncio* dos meus pais era, provavelmente, também um efeito da *mudez* dos meus avôs, e por outro lado, era o silêncio de um *não-saber-o-que-dizer* perante os fatos, perante os acontecimentos, perante uma destruição e uma matança sem precedentes. Este *silêncio* não era um resultado de não poder ou querer falar, como a *mudez* do meu avô, mas sim o resultado de não saber *como* falar, de não *ter a fala*, de não *ter as palavras* para integrar o incompreensível de forma responsável, livre e autônoma na própria vida.

A minha geração, enfim, pelo menos aquela que perpassou uma educação parecida, não nasceu nem com a *mudez* nem com o *silêncio*, mas nasceu dentro e com uma contínua *fala* sobre o *Nazismo* e o *Holocausto*. Esta fala incessante, nas aulas de história, de literatura alemã, de política e filosofia, com os amigos e conhecidos, e na vida pública e depois também na universidade, teve como intenção a criação de uma consciência e até de uma atitude coletiva, uma *responsabilidade*, uma capacidade de responder perante o passado para impedir para sempre a repetição. Mas perante o indizível, a fala também não necessariamente liberta, e mesmo em nossa fala podemos ser capazes de permanecermos *mudos* perante o passado, escolhendo temas que afastam, que desviam a nossa falta de palavras para um terreno mais científico, mais sólido e objetivado, enquanto sabemos que só a poesia e a música talvez sejam capazes de expressar o inexprimível. As articulações temáticas e necessariamente históricas talvez ajudem para se aproximar do indizível, para tentar compreender algo incompreensível, mas

também encobrem o essencial e deixam tudo igual, pois dentro de uma certa fenomenologia das articulações do indizível, da *mudez* até a *fala*, é possível afirmar que a *fala* pode ser mais do que qualquer *mudez* ou qualquer *silêncio* cheio de insignificâncias, de redundâncias, de afastamentos e, o que é mais grave, de objetivações e aniquilações.

Mudez e *silêncio* por seu turno, se retiram de uma ação direta, embora não fujam também do agir, da intencionalidade que faz parte de tudo enquanto percebido pelo humano, este produtor voluntário e involuntário de sentidos. A *mudez* é o *silêncio* carregado de *sentido*. É o *falar* engolido ou até o *grito* reprimido, enquanto o *silêncio* não está rendido ao *gritar*, mas sempre com a possibilidade dele. No *silêncio*, ainda temos a liberdade de *falar*; na *mudez* já não. Mas o *silêncio* pode ser desprovido de *razão*, de uma *razão* para falar, permanecendo apenas em *silêncio*. A *mudez* nunca é algo sem *razão*, sempre haverá uma, a falta da língua, a falta da voz ou a falta do sentir e do sentido. O *silêncio* não. O *silêncio* pode ser algo sem razão, pode ser racional ou não, mas nunca pretende fugir da voz, vê a possibilidade de dizer, mas optou por não dizer nada. Mas e a *fala*? A *fala* diz mais do que a *mudez*, e o discurso aqui aberto, ajudará mesmo a compreender aquilo que aconteceu? Quem não *fala* não pode ser responsabilizado? Talvez. Mas mesmo se não falo, sabendo falar, falo ou até *grito*. No contexto do nosso tema, todas estas articulações podem ser consideradas como articulações do indizível e todas lembram a importância da *linguagem* que um *pharmakon*, que é um remédio e um veneno ao mesmo tempo.

Como mote do seu livro *LTI - A linguagem do Terceiro Reich* Victor Klemperer escolheu uma frase do filósofo judeu Franz Rosenzweig que diz *"A linguagem é mais forte do que o sangue"*. Esta frase, ou este trecho induzido como se fosse um aforismo, provém de uma carta de Rosenzweig dirigida à sua mãe em 1929 e que diz numa versão mais completa e aqui traduzida por mim: *"Querida Mãe, sobre a palavra me surpreendo. A minha germanidade seria exatamente aquilo que é, se não existisse mais nenhum Império Alemão. A língua é mesmo mais do que sangue."*[2] A língua que é dada para nós, a língua materna, é sempre muito mais do que uma mera descendência territorial, política ou até cultural e encontrar-se lançado numa determinada língua incluí sempre uma profunda *responsabilidade* por ela. Ser criado por uma certa língua significa ser refém da mesma e, por isso, é sempre importante tornar-se refém de mais de uma única língua, no meu caso, da língua alemã e da língua portuguesa. Mas a língua alemã é, sem dúvida, mais profundamente radicada em mim e é possível que não sou apenas refém dela, mas infectado e possuído por ela, pela sua história, pela sua beleza e pela sua crueldade - tudo ao mesmo tempo. Eu terei até o fim da minha fala, o fim da minha vida, a *responsabilidade* de responder a uma língua que possibilitou um dos maiores desastres da humanidade. Mas serei também responsável por outros desastres da mesma humanidade. E por isto é necessário viver não apenas com uma língua; é necessário ser refém de outras línguas, porque somente assim diminuímos a possibilidade de nos tornarmos objeto também, objeto de um discurso fechado, de um discurso circular – de um círculo vicioso.

[2] Rosenzweig, *Der Mensch und sein Werk*, p. 1230.

Referências

KLEMPERER, Victor. *LTI*: a linguagem do Terceiro Reich. Tradução, apresentação e notas de Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

ROSENZWEIG, Franz. *Der Mensch und sein Werk*: gesammelte Schriften. Bd. 1: Briefe und Tagebücher. Ed. Rachel Rosenzweig e Edith Rosenzweig-Scheinmann, em colaboração com Bernhard Casper. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1979.